

A hora da virada

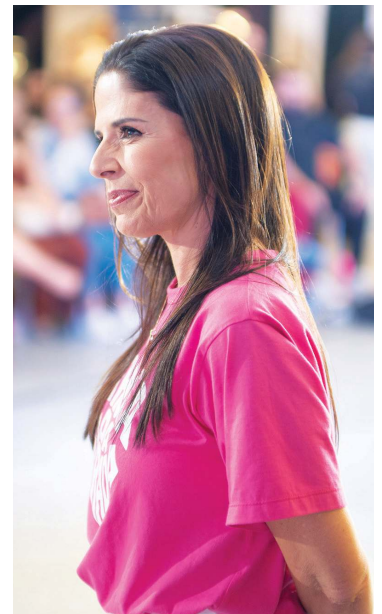
A jornalista e madrinha da edição, Eduarda Streb, compartilhou sua experiência com o câncer, além de falar sobre a coragem de viver mudanças pessoais e profissionais. “Eu falo muito da hora da virada, que é de todos. E eu tive várias viradas olhando para trás. De repente, eu me vi entre a carreira e a maternidade e eu achei que aquela era a minha grande virada, quando eu decidi estar mais perto da minha filha e poder conciliar o meu trabalho”, contou em entrevista exclusiva à Like.

A transformação vivida na carreira foi anterior a uma mudança ainda mais intensa: o diagnóstico. “Nós sabemos que é duro, mas quando olhamos para trás, é hora de ver que ganhamos uma nova chance para recomeçar”, relembra.

A notícia da doença impactou não só a jornalista, mas a família e os amigos próximos. A partir disso, a mãe, os irmãos e as amigas se dividiam nas tarefas

para dar apoio. A dificuldade, naquele momento, era dividir a situação com a filha de 11 anos. “Peguei o exemplo da minha mãe, que é uma inspiração até hoje. Mostrei que ela enfrentou o câncer e que vai completar em breve 80 anos, cheia de força, alegria, energia e amor”, relata.

Nas redes sociais, Eduarda compartilhou momentos do tratamento, recebendo e oferecendo apoio a mulheres que também passaram pelo diagnóstico. “Eu queria ser a Duda real, como as pessoas que estão enfrentando hoje a doença. A Duda que está passando um momento difícil, que está buscando força, energia, informação, tudo que puder para poder superar. A Duda que perdeu o cabelo e enfrentou a dor, e a Duda que teve coragem. Quando eu vi que a minha voz ganhou força na internet, isso tudo fez sentido para mim”, finaliza.



Experiência profissional e pessoal

No palco, a ginecologista Caticilene Botelho compartilhou conhecimentos técnicos e a própria experiência com o câncer de mama. A profissional, que palpou um nódulo na mama seis meses após uma mamografia, conta que, de forma intuitiva, soube na hora que tinha um tumor maligno.

A agilidade no diagnóstico permitiu iniciar rapidamente o tratamento. O processo envolveu cirurgia, quimioterapia, radioterapia e imunoterapia. Durante essa jornada, que segue até hoje em uma etapa de bloqueio hormonal duplo, trabalhar e manter a rotina de exercícios físicos foram atividades que deram suporte ao enfrentamento.

“Meu tratamento hoje vai muito além disso, porque a medicina também não me orientou a como cuidar de mim pós-câncer. Eu sou uma ginecologista sobrevivente do câncer que não foi orientada também. A gente não quer sobreviver, quer viver”, relata.



Sinais

“Temos medo do câncer como genética, mas sabemos que 90% dos causadores de câncer, na verdade, vêm do estilo de vida”, inicia a ginecologista. Entre os principais fatores, a profissional destaca a obesidade, o tabagismo e o consumo de álcool. Contato com metais pesados e estresse também estão relacionados a um risco maior de desenvolver a doença.

Existem também fatores protetores, que envolvem um estilo de vida saudável. “Nós sabemos que mais de 150 minutos de atividade física moderada reduzem o risco de câncer de mama e há uma redução mais significativa acima de 250 minutos de atividade física moderada”, explica.

Entre os sinais que indicam a necessidade de buscar avaliação médica estão o surgimento de nódulos, mudanças na mama como assimetria, vermelhidão, lesão na pele, inversão do mamilo e secreção sanguinolenta. Dor, ardência e desconforto já são indicativos para a consulta. Além disso, a ginecologista orienta que as mulheres se olhem no espelho e acompanhem mudanças nos seios. ■